

CONCEITO SOBRE O MÍSTICO E DEUS: A PARTIR DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

Nicolau Borromeu¹

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar uma breve descrição da filosofia da linguagem de Wittgenstein sobre o sujeito e o místico, no qual o conceito de Deus ocupa seu lugar. Conforme o filósofo tudo o que é pensado também deve ser capaz de ser falado no contexto da linguagem como expressão dos pensamentos. Mas há coisas que não podem ser pensadas ou ditas, pois estão além das fronteiras do pensamento e da linguagem. Isso é o que na filosofia de Wittgenstein é conhecido como mística, como algo que só pode ser mostrado e não pode ser falado.

Palavras-chave: *Tractatus Logico-Philosophicus*; Investigações Filosóficas Místicas; Wittgenstein.

CONCEPT ABOUT THE MYSTIC AND GOD: AN APPROACH BASEAD ON WITTGENSTEIN PHILOSOPHY OF LANGUAGE

Abstract: The aim of this article is to provide a brief description of Wittgenstein's philosophy of language on the subject and the mystic, in which the concept of God takes its place. According to the philosopher, everything that is thought must also be able to be spoken in the context of language as an expression of thoughts. But there are things that cannot be thought or said, as they are beyond the borders of thought and language. This is what in Wittgenstein's philosophy is known as mystique, as something that can only be shown and cannot be talked about.

Keywords: *Tractatus Logico Philosophicus*; Mystical Philosophical Investigations; Wittgenstein.

INTRODUÇÃO

A filosofia analítica surgiu no século XX como uma reação do pensamento filosófico anterior, especialmente o positivismo atuou como uma continuação do empirismo, que usa muitas expressões sem sentido e linguagem lógica

¹ Coordenador do grupo de estudo sobre Wittgenstein da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. <https://doi.org/10.53930/348519>

e isso é muito difícil para se entender. Certamente, a linguagem da filosofia é excessiva para expressar a realidade, causando confusão para os interessados nessa área e até para os próprios filósofos. Assim, a tarefa da filosofia não é mais fazer afirmações específicas, mas resolver problemas que surgem como resultado da não compreensão da linguagem, da lógica, por meio de uma crítica da linguagem. Os filósofos analíticos pensaram que esse método limparia e curaria o uso da linguagem na filosofia. Um dos principais filósofos analíticos é Ludwig Wittgenstein (1889-1951), considerado como uma das maiores e competentes figuras no campo da filosofia analítica.

O nosso propósito neste artigo é discutir o pensamento do filósofo vienense, como um dos filósofos conhecidos deste século que contribuiu muito para o desenvolvimento da filosofia da linguagem ou filosofia analítica. Wittgenstein descreveu seu pensamento filosófico em duas grandes obras que marcaram as características das suas ideias, em dois períodos marcantes. Por um lado, Wittgenstein iniciou sua filosofia com uma análise lógica da linguagem, isto é, a relação da linguagem e do mundo. Wittgenstein desenhou essa obra a partir do mundo e termina com o silêncio. Nesse estágio de silêncio, o mundo e a linguagem tiveram limites para revelar fatos. O autor de *Tractatus* expressa o estado de silêncio em aforismos 7, onde se lê: “O que não se pode falar, se deve calar”. O conceito de místico é exposto aqui para expressar o que não pode ser evidenciado. Por outro lado, em sua segunda obra, o filósofo apresentou a linguagem em seu uso coletivo no cotidiano. Um dos conceitos mais famosos nessa segunda obra é o que se refere a jogos de linguagem. Baseado nestas duas grandes obras do filósofo vienense, sobretudo na busca da compreensão da questão do limite em tentarmos adentrar como sujeito místico e elaborar a questão de Deus.

BIOGRAFIA E CENÁRIO HISTÓRICO²

Ludwig Josef Johann Wittgenstein, nascido em Viena, Áustria, em 26 de abril de 1889. É descendente de judeus por parte de seu avô e pai e que mais

² Os dados biográficos utilizados neste trabalho foram reunidos das obras de Malcolm (1989, pp. 1-16), Edward (1972, p. 327) e Stern & Sluga (1996, pp. 1-23).

tarde se converteu ao cristianismo e sua mãe era católica romana, foi batizado na Igreja Católica. Ele tinha grande respeito pela religião, embora nunca tivesse ido à igreja. Seu pai teve posição de destaque na indústria siderúrgica. Ele era o mais novo de nove filhos e seus quatro irmãos, todos os três se suicidaram e seu outro irmão, que era um famoso pianista, morreu na Segunda Guerra Mundial. Ele foi a única esperança para seus pais, na continuidade de sua família. Isto foi o que mais tarde lhe deixou deprimido e várias vezes tentou suicídio, porém admitiu que só a filosofia poderia ajudar, a superar sua doença.

Wittgenstein passou 14 anos estudando em casa, em 1906 ele continuou seus estudos no *Technical College* em Linz (Berlín). Por três anos estudou máquinas e em 1908, continuou seus estudos de engenharia na *University of Manchester* (Inglaterra), realizando pesquisas na área de engenharia, aeronaves, especialmente motores a jato e hélices. O jovem austríaco interessou-se em estudar matemática porque a escola exigia muito o conhecimento de matemática e filosofia da matemática. Portanto, ele foi aconselhado por Gottlob Frege (matemático alemão) a estudar com Bertrand Russell em Cambridge (professor na *Trinity University*). Russell descreve Wittgenstein como um apostólico após Moore. Russell era, 17 anos mais velho, que Wittgenstein e 16 anos mais velho que Moore, mas eles tiveram um vínculo muito forte.

Após a partida do seu pai (1912), Wittgenstein herdou sua riqueza, mas deu-a a outra pessoa. Ele então viveu na Noruega, isolado em uma casa que ele mesmo construiu. Quando a Primeira Guerra Mundial ocorreu, Wittgenstein retornou à sua terra natal e foi voluntário para o exército austríaco como oficial em 1915. Ao longo desse período, escreveu um livro de filosofia que concluiu em 1918, quando era prisioneiro do exército italiano, e mais manuscritos de livros que estavam em sua mochila. Enquanto estava sob custódia, ele enviou cópias do manuscrito para Russell e Frege. Esses temas já haviam sido discutidos antes do início da guerra. Finalmente, por intermédio de Russell, ele foi libertado em dezembro de 1919 e, no mesmo mês, conheceu Russell em Haia. Nessa reunião, ele trocou muitas ideias com Russell sobre seu manuscrito e, posteriormente, a obra foi publicada na revista *Annalen der Naturphilosophie* em 1921 sob o título *Logisch-philosophische Abhandlung* (comentários lógicos e filosóficos). Em 1922, o manuscrito foi publicado em uma edição em inglês

com o texto original sob o título *Tractatus Logico-Philosophicus*, que foi introduzido por Russell, mas Wittgenstein não concordou com o prefácio, porque foi considerado que Russell não entendia o significado do manuscrito. Algumas das notas feitas durante a preparação do manuscrito ainda estão preservadas no *Diário Filosófico*. Em 1923, Wittgenstein se tornou professor na escola austríaca de *Puchberg* por três anos. Em 1926, parou de ensinar e trabalhou como jardineiro no Mosteiro Huterdorf de Viena. Em 1927 ele continuou o contato com amigos como Rudolf Carnap e Friedrich Waismann (Círculo de Viena). Em 1929 retornou a Cambridge para continuar seus estudos concluindo a tese de doutorado com seu trabalho *Tractatus* que foi testado por Moore e Russell. Em 1930 começou a lecionar no *Trinity College*.

Em 1935, visitou a Rússia e pensou em se estabelecer lá. Mas a crueldade de Stalin atrapalhou. Passado esse tempo encerrou suas atividades de ensino, viveu em sua cabana norueguesa e concluiu a sua segunda obra *Philosophische Untersuchungen*, conhecida como Investigação Filosófica. Em 1938 Wittgenstein, foi atribuído como cidadão britânico e sucedeu Moore como professor. Quando a Segunda Guerra Mundial arrebentou, se ofereceu como voluntário em um hospital de Londres. Ele criticou muitos filósofos anteriores, como Kant e Hume. Wittgenstein dominou as discussões no seu tempo e envolveu-se em muitas discussões. Isto contribuiu para que muitos investigadores o vissem como uma má influência.

Em 1947, renunciou ao cargo e completou o manuscrito da Investigação Filosófica. Em 1949 já com a saúde frágil e diagnosticado com câncer foi passar a primavera em Viena. Em abril de 1950, Wittgenstein visitou a Noruega no outono e permaneceu em Oxford até fevereiro de 1951. Nesta altura visitou John Locke, que era então chanceler. O encontro com John Locke não foi bem-sucedido. A saúde de Wittgenstein piorou novamente e ele decidiu voltar para Cambridge. Em 29 de abril, Wittgenstein faleceu.

Basicamente, Wittgenstein durante sua vida apresentou duas obras que podem ser chamadas de sua *magnum opus* e teve uma grande e ampla influência. As duas obras de Wittgenstein são *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) e *Philosophical Investigation* (1953), embora os dois livros sejam a mesma obra dele, porém, ambos tiveram estilos muito diferentes. A existência de diferentes

estilos de visões filosóficas tornou-se uma fonte de inspiração para duas escolas filosóficas que se desenvolveram na Inglaterra, nomeadamente no ambiente de Viena que acomoda a tendência do positivismo lógico ou empirismo lógico, e a tendência da filosofia da linguagem.

PENSAMENTOS DE LUDWIG WITTGENSTEIN

Como descrevemos anteriormente, a grande influência que caracterizou o pensamento filosófico de Wittgenstein foi marcada por duas grandes obras conhecidas como Wittgenstein I (*Tractatus Logico Philosophicus*) e Wittgenstein II (Investigações Filosóficas).

TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS³

De acordo com Wittgenstein, há um mal-entendido na linguagem da lógica com relação a formulação de problemas filosóficos. Por meio da lógica, bem como da realidade, Wittgenstein tenta esclarecer os erros cometidos por seus predecessores. A tarefa da filosofia, então, é limpar todo o conhecimento de expressões que são boas, mas não significativas do ponto de vista do senso comum, como é o caso da emanção ou unidade mística. Isso porque uma das funções da filosofia é mostrar algo que não pode ser dito ou pensado, apresentando algo de forma clara e que possa ser dito. Neste caso, o que é enfatizado no *Tractatus Logico Philosophicus* é o problema dos limites da linguagem.

A tese central do *Tractatus* é que tudo o que se pensa também deve poder ser dito. Ao falarmos sobre a linguagem como uma expressão de pensamentos, os limites de linguagem também significam os limites do conhecimento. Wittgenstein no aforismo 5.6 do *Tractatus* afirma que: “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo.”

³ Utilizamos neste trabalho a tradução organizada por Luiz Henrique Lopes dos Santos e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo (Wittgenstein, 1994). O texto é precedido por um extenso comentário do tradutor que se firma como uma referência necessária para estudos da obra. No decorrer deste trabalho usamos apenas *Tractatus*.

A correspondência entre a linguagem e os fatos são apresentados em teoria pictórica: uma teoria derivada das visões de Russell sobre o conceito de isomorfia. Essa teoria é uma visão que pressupõe uma relação absoluta entre linguagem e realidade, o mundo dos fatos, que pode ser traçado através das partes mais elementares, tanto da linguagem quanto da realidade. Ou, em epistemologia, é chamada de correspondência entre proposições e posições factuais (estado de coisas). Dessa forma, a linguagem pode descrever a realidade do mundo dos fatos. A proposição que é a menor unidade de linguagem é uma descrição de uma realidade factual, por exemplo, ele está comendo, então de fato ele está comendo, e há uma correspondência real. Assim, há dois fatores principais na teoria pictórica, a saber, proposições que tem suas ferramentas em linguagem e fatos filosóficos que existem na realidade.

Se pudermos compreender a natureza da proposição, isso significa que também podemos saber, e verificar, nomeadamente provando a verdade factual. Da mesma forma, também podemos falsificar, ou seja, provar que estamos errados. Mas e quanto às proposições que não podem ser ditas? Wittgenstein disse que “o que está no mundo pode ser dito”. Quando há um conhecimento que não pode ser dito, este é sem sentido. O conhecimento quer dizer o que não pode ser dito por meio de sua linguagem. Por exemplo, a experiência mística, na realidade, nunca pode ser apontada diretamente, porque não é uma experiência sensorial. Se existe uma realidade que pode ser expressa em palavras e também existe uma realidade que não pode ser expressa ou o inefável, deve ser dada proteção ao inefável, significando que a área que não pode ser expressa pela linguagem, ou seja, a área de experiência mística que é muito importante para entender, mas paradoxalmente não pode ser dita com a linguagem. O mundo não tem significado porque é dado a ele um sistema de linguagem humana, “o mundo é parte da linguagem”. Portanto, a experiência mística é um experimento que só pode ser apontada e vivenciada, mas não poderemos falar delas porque nossa própria linguagem também é limitada. O mistério, de acordo com Wittgenstein, é uma experiência muito subjetiva. O filósofo, apresentou coisas místicas que não podem ser expressas em proposições, o sujeito (metafísico), a morte e Deus. Isso não significa que ele seja antimetafísico, mas que ele rejeita as coisas metafísicas. Disto surge o positivismo lógico que

adota a visão do atomismo lógico e rejeita expressões metafísicas, teológicas, éticas e estéticas que essencialmente não expressam a realidade empírica.

INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS⁴

Este trabalho foi elaborado de maneira inversa ao primeiro trabalho, *Tractatus Logico-Philosophicus*, que foi então firmemente posicionado pelo positivismo lógico. Wittgenstein colocou a ideia como o oposto nesta segunda obra, observando os três modos principais apresentados no livro I: Primeiro, que a linguagem é usada para apenas um propósito, o conhecimento, para determinar as condições factuais; Segundo, as sentenças ganham significado de uma maneira, ou seja, descrevendo uma situação factual; Terceiro, cada tipo de linguagem pode ser formulada em uma linguagem lógica perfeita, muito embora à primeira vista seja difícil visualizar.

Nas diversas investigações, Wittgenstein mostra que a linguagem tem várias funções, nas quais, para entender este tipo de função, a atenção deve ser deslocada da lógica e da disposição perfeita da linguagem destinada a lógica da linguagem cotidiana, a saber, a linguagem do senso comum. Ou afastar-se do conceito de tendências de atomismo lógico e voltar-se para a visão de George Moore na filosofia do senso comum, que enfatiza sobre o significado de qualquer expressão e é altamente dependente do uso da linguagem, que é então conhecida como significado em uso. Linguagem lógica ocupa apenas um local em tudo o que a linguagem pode fazer. Existem ainda outras expressões, como enunciados performativos (enunciado performativo), termo que vem de John L. Austin que considera esse enunciado não uma linguagem descritiva, mas um ato de fala ou um ato de linguagem. Outro tema popular na Filosofia da Investigação são os Jogos de Linguagem que assumem o formato de várias formas de vida. Por causa desses jogos de linguagem, a mesma tem vários usos, dependendo do contexto, o termo significado é contexto, com o uso da linguagem que podemos jogar com vários jogos, nomeadamente ao mudar de um método para outro. E cada linguagem tem suas próprias regras que não

⁴ Utilizamos neste trabalho a tradução apresentada pela Editora Vozes em 1994. No decorrer do texto usamos apenas Investigações Filosóficas.

podem ser misturadas porque cada uma contém disposições que refletem a forma do jogo de linguagem em questão.

Wittgenstein considera que o significado de uma palavra depende de seu uso em uma frase, enquanto o significado de uma frase depende de seu uso na linguagem, mas a mesma palavra quando usada em jogos de linguagem diferentes, pode significar coisas diferentes, embora tenham uma semelhança familiar.

O filósofo austríaco apresentou que, a linguagem da filosofia experimentou o caos porque os filósofos não usavam as regras do jogo de linguagem, isso fez com que a linguagem da filosofia fosse fraca, por três razões: primeiro, o uso do termo linguagem filosófica que não está de acordo com o jogo de linguagem, como o uso da palavra conhecimento, objetos, proposições e outros que tentam atingir a essência. Em segundo lugar, há uma busca pela unidade de compreensão na diversidade, semelhança na diferença, unidade na pluralidade (desejo de generalidade). Terceiro, o disfarce de entendimento por meio da apresentação de termos que não podem ser compreendidos, como existência, nada, e outras. De modo que a tarefa da filosofia não é tirar conclusões, mas afirmar o que pode ser aceito por todos ou explicar os problemas filosóficos em uma linguagem que pode ser entendida por ser descrita efetivamente na linguagem cotidiana e não participa do fornecimento de uma interpretação da realidade, explicando o que é, e deixando as coisas acontecerem do jeito que estão.

Assim, tudo que se percebe em metafísica, como Deus que é místico e não precisa ser interpretado, porque Ele não é um objeto físico limitado, não é um nome, Deus é um espírito e não físico. Quando as religiões pregam que Deus criou o céu e a terra, Ele ressuscitou Jesus dos mortos ou concedeu os povos de cura, isso implica que há conectividade entre a linguagem religiosa e a linguagem que usamos para descrever a natureza, a história e nossa vida diária.

CONCEPÇÃO SOBRE DEUS, O SUJEITO E O MÍSTICO

Existem várias implicações do pensamento de Wittgenstein, porém, o que podemos descrever aqui é o primeiro dos pensamentos de Wittgenstein I,

que deu origem a uma nova escola após o atomismo lógico, a saber, o positivismo lógico. Esta é uma escola que era originalmente conhecida como Círculo de Viena que foi fundada em 1922 por Moritz Schlick que se direciona para algo positivo e certo, e pode ser justificado cientificamente. O pensamento básico é a rejeição da metafísica, teologia e ética, isso porque estes três elementos não podem ser provados por fatos empíricos e também são relativistas ou não podem ser medidos, analisados e verificados. Esta teoria realmente se refere ao *Tractatus*, que afirma que todas as coisas metafísicas não podem ser discutidas (Atomismo Lógico).

O SUJEITO METAFÍSICO

Na concepção do sujeito apresentamos uma formulação da existência de um *sujeito metafísico*, ou de um *eu metafísico* também dito *eu filósofico*. Do interior do solipsismo, a exigência de um ‘eu’ que seja toda a realidade, não pode se conformar com o ‘eu’ empírico. Este, como visto, é apenas parte da realidade, um fato do mundo e não a totalidade dos fatos. Se a apresentação do eu empírico se reveste de um caráter enigmático, não estaríamos mais confortáveis em relação ao eu filósofico. De que natureza é revestido esse sujeito metafísico? Na apresentação do problema emerge a questão do limite do mundo. O filósofo indica (*Tractatus* 5.632 e 5.633 – os grifos são do autor):

O sujeito não pertence ao mundo, mas é o limite do mundo. Onde no mundo se há de notar um sujeito metafísico? Você diz que tudo se passa aqui como no caso do olho e do campo visual. Mas o olho você realmente não vê. E nada no campo visual permite concluir que é visto a partir de um olho.

O solipsismo é o ponto de partida para o entendimento da natureza desse eu metafísico ao enunciar “meu mundo” e “minha linguagem”. Estes enunciados, como visto, não recobrem seu sentido pelo trabalho do eu empírico e a psicologia, mas competentes no eu empírico, se cala e, sequer enuncia o eu filósofico. Pela importância, retomamos o enunciado que faz a apresentação desse eu metafísico (*Tractatus* 5.641):

Assim, há realmente um sentido em que se pode, em filosofia, falar não psicologicamente do eu. O eu entra na filosofia pela

via de que ‘o mundo é o meu mundo’. O eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo.

A existência do eu solipsista, situado no limite do mundo e identificado como um ponto inextenso, é, portanto, o eu metafísico. Sobre ele não somos possuidores de propriedades capazes de enunciá-lo. No âmbito dos fatos é apenas o sujeito empírico. O recurso wittgensteiniano, ao olho e ao campo visual nos indica que no mundo próprio do sujeito metafísico, não cabem outros sujeitos metafísicos, ou seja, de um sujeito metafísico não se pode inferir a existência de outros da mesma natureza. A não possibilidade do sujeito metafísico no mundo dos fatos não é uma mera enunciação, mas uma necessidade lógica. Ele não está no mundo, mas em seu limite. O sujeito metafísico deve, assim, estar excluído do mundo como se lê (*Tractatus* 5.634):

Isto está ligado a não ser nenhuma parte de nossa experiência também a priori. Tudo que vemos poderia também ser diferente. Tudo que podemos descrever em geral, também poderia ser diferente.

Assim, sobre o sujeito empírico a psicologia nada poderia, senão proferir seu enunciado, no que se refere ao sujeito metafísico agora, a filosofia, também se mostra impotente. Wittgenstein alude que o único eu que se pode constituir como objeto da filosofia é o sujeito metafísico. No entanto, como ele mesmo não existe no mundo dos fatos, a filosofia nada pode referir sobre ele a não ser indicar sua inexistência nesse mundo e, mostrar o quão sem sentido se apresentam as proposições que buscam sua descrição.

Desse modo, nenhuma reflexão filosófica pode tematizar tal sujeito metafísico. A única verdade filosófica sobre ele é aquela do solipsismo, mas como se insiste no *Tractatus* ela não pode ser dita, apenas mostrada. O sujeito metafísico é o que está no limite do mundo. Sobre isso ainda esclarece Wittgenstein (*Tractatus* 5.631):

O sujeito que pensa, representa, não existe. Se eu escrevesse um livro “*O mundo tal como o encontro*”, nele teria que incluir também um relato sobre meu corpo, e dizer quais membros se submetem à minha vontade e quais não, e mais. – este é bem um método para isolar o sujeito, ou melhor, para mostrar que,

num sentido importante, não há sujeito algum: só dele não se poderia falar neste livro.

Estas afirmações são corroboradas com passagens registradas por Wittgenstein no seu Diário Filosófico⁵. Primeiro no dia 5.8.1916 onde se lê:

El sujeto de la representación es, sin duda, mera ilusión. Pero el sujeto de la volición existe. De no existir la voluntad, no habria tampoco ese centro del mundo que llamamos el yo, y que es el portador de la ética. En lo esencial, bueno e malo es sólo el yo, no el mundo. El yo es lo más profundamente misterioso.

E, o longo registro do dia 20 de outubro de 1916, se reveste da importância decisiva para afirmar o esclarecimento:

Está claro que mi espacio visual está constituido, en lo que hace al largo, de modo diferente a como lo está en orden a lo ancho. No se trata de que yo me perceba, simplemente, allí donde veo algo, sino que me encuentro también siempre en uno punto determinado de mi espacio visual, mi espacio visual tiene, pues, casi una forma. Y, sin embargo, es cierto que no vejo al sujeto. Es verdad que el sujeto cognoscente no está en el mundo, que lo hay sujeto cognoscente...

A negação do sujeito, dentro do *Tractatus*, que aparece expressa nestas referências suscita um problema de fundo que assim se formula: ou o sujeito metafísico é pensante, mas, por sua condição de limite, não existe, uma vez que não faz parte do mundo, ou simplesmente não é pensante. Stenius (1964) é de opinião que tal sujeito que é, por sua natureza, diferente do empírico, usa e entende a linguagem, mas, por sua dimensão transcendental, não se encontra no mundo e, por isso mesmo, não existe. Por sua vez Black (1964), não aceita que Wittgenstein defenda a ideia de um eu transcendental, uma vez que aquele que é capaz de realizar experiências, não é parte da experiência do mundo. Para este comentador, o sujeito metafísico é o exterior do mundo do qual depende a existência de tudo, mas dele não se pode falar, este limite poderia ser identificado com Deus.

Uma concepção semelhante à de Black pode ser encontrada em Maslow (1961) ao defender o entendimento de que o sujeito metafísico não é uma

⁵ Utilizamos neste trabalho a edição em espanhol: *Ludwig Wittgenstein Diário Filosófico* (1914 – 1916). Tradução de Jacobo Munoz e Isidoro Reguera. Editorial Ariel. Barcelona, 1982.

entidade, mas um limite formal da linguagem enquanto Zemach (1964) defende ser o sujeito pensante um aspecto do sujeito metafísico, mostrado na vontade ou mais especificamente no sujeito ético. Desta feita, o sujeito metafísico, como sujeito da experiência, ao se identificar com o mundo como totalidade, acaba como inexistente por ocasião da coincidência entre solipsismo e realismo.

Das dificuldades em se delimitar a compreensão do sujeito metafísico, algo aparece com firmada convicção: no momento em que Wittgenstein defende a não existência de um sujeito pensante, e parece defender a impossibilidade de algo como a coisa pensante (*res cogitans*), reflete a própria natureza do universo cartesiano.

O sujeito metafísico comporta, no *Tractatus* com uma espécie de núcleo duro, ponto comum entre os estudiosos do tema. A princípio se visualiza a ideia de que um sujeito pensante, é tido como uma ilusão e não pode ser o sujeito metafísico. Este eu metafísico é o sujeito da vontade e se firma como o eu do solipsismo, enquanto centro e limite do mundo. Não existe ética no sujeito empírico, o ético pertence apenas a esse sujeito filosófico, e ao eu metafísico. Esta formulação nos conduz para o interior dos problemas mais significativos a envolver a consideração sobre o homem e sua condição no contexto do *Tractatus*. Do sujeito metafísico só se pode desprender a questão do inefável, ou místico e, daí seus desdobramentos para a questão ética que condicionaria o tema da felicidade bem como o da existência de Deus e a condição da morte.

O MÍSTICO

Para Wittgenstein a tarefa do *Tractatus* consistia na solução dos problemas filosóficos. Este empreendimento se dirige, em sua essência, ao exercício para determinar aquilo que pode ser dito e aquilo que apenas pode ser mostrado. O fato de seu autor procurar falar sobre aquilo que só pode ser mostrado, deve-se ao fato de que, é isso realmente o que importa. O objetivo principal não seria tanto propor uma forma de compreender a lógica, mas colocar o inefável, o místico em seu lugar correspondente, embora convencido de nada

poder dizer sobre ele. Todo aporte sobre a linguagem é, na obra, dirigido pelo intento de referir que o místico se situa fora do mundo e que o intento de discorrer sobre o tema está condenado ao fracasso.

A construção, nesse compasso, que nos conduziu do solipsismo, passando pelo eu empírico e desaguando no sujeito metafísico está situada e recobra seu sentido num horizonte da realidade que expressa a existência do limite e se resolve na configuração do místico, tal como se vê registrado em *Tractatus* 6.44 “O Místico não é como o mundo é, mas o que ele seja”; 6.45 “a intuição do mundo *sub specie aeterni* é sua intuição como totalidade – limitada. O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico” e 6.522 “Há por certo o inefável. Isso se mostra, é o Místico.” Alves de Azevedo assim registra a particularidade do místico:

O místico, tal como o compreende Wittgenstein, não deixa de comportar um elemento de inventividade e, ao mesmo tempo, de algo que pertence à tradição da “mística”. Situar, portanto, o papel do místico (das *Mystische*) no interior do *Tractatus* equivale a procurar delimitar os limites entre aquilo que, enquanto passível de ser objeto de conhecimento, no sentido de um conhecimento discursivo, deixa de sê-lo à medida que apenas pode “ser mostrado” ou ter “sentido”. (Alves de Azevedo, 2018, p. 59).

O intrigante nessa concepção particular de Wittgenstein ver o fato se afirmar na existência de algo que está fora da linguagem e, assim, da lógica, quando se sustentou que fora da lógica não existe nenhuma possibilidade e que sequer existe um fora da lógica. É necessário precisar este elemento “fora”. Uma consideração mais apurada nos faz reconhecer que o que aqui está em jogo não é a ideia de algo que se encontre fora do mundo, mas de algo que se estende *sobre* o mundo. Então, esse inefável, esse místico não é algo extramundano, mas supramundano. Não se trata obviamente de algo ilógico, mas, antes, de algo que se apresenta por sobre a lógica. O inefável, diz o filósofo, é o que está “mais acima”.

O “como” do mundo é, certamente, proporcionado pelos fatos e pela possibilidade de uma linguagem científico-descritiva. Mas seu sentido último, a sua razão de ser foge da possibilidade dos fatos. Sabemos que mesmo quando conseguimos uma autêntica descrição, ou um conhecimento mais ou

menos perfeito da realidade isto nada poderá nos dizer a respeito da existência do mundo tal como ele é. Estamos aqui diante, certamente, de um velho e conhecido questionamento da filosofia, ou seja, *por que o ser e não o nada*, a resposta certamente só pode ser encontrada fora do mundo.

Da mesma maneira que o sentido de uma proposição supera a linguagem e não pode ser expresso, mas tão somente mostrado, o sentido do mundo se situa para além dele e não pode pertencer aos fatos, mas somente mostrar-se neles. A resposta ao questionamento é necessária e em consonância com os valores absolutos e não pode guardar afinidades com um mundo que é todo contingente. A solução do problema do mundo só pode ser de caráter ético numa referência ao bem e ao mal. É por isso que o tema da Ética se constitui como centro nucleico do enunciado do Místico Tractariano.

A reflexão sobre os temas, Deus, felicidade e morte, não nos deixam mais a vontade. Também aqui o enigmático se apresenta. Estes são problemas para os quais não se podem apresentar soluções, uma vez que não podem sequer ser estabelecidos. No que se refere propriamente a Deus e, neste trabalho, não adentramos no problema da religião, Wittgenstein anota no *Tractatus* 6.432 “Deus não se revela no mundo”. O significado desta afirmação pode ser esclarecido melhor numa passagem conhecida do *Diário Filosófico* do dia 11.06 de 1916 que, pela importância transcrevemos em sua extensão:

Que sei eu sobre Deus e a finalidade da vida?

Sei que este mundo existe.

Que estou situado nele como meu olho em seu campo visual.

Que há nele algo de problemático que chamamos seu sentido.

Que este sentido não se radica nele, mas fora dele.

Que a vida é o mundo.

Que a minha vontade penetra o mundo.

Que bem e mal dependem, portanto, de algum modo do sentido da vida.

Que podemos chamar Deus ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo e conectar com isto a comparação de Deus com um pai.

Como conciliar essas afirmações de que Deus não se revela no mundo e chamar Deus de sentido da vida? A resposta reside no fato de que para o filósofo, se Deus não se revela no mundo se deve unicamente ao fato de que Deus é o sentido do mundo. Este aporte se deve ao fato de que no centro gravita o eu metafísico. Assim, as notas de Wittgenstein devem ser entendidas no âmbito de uma espécie de “divinização do eu”. Sua referência não consiste em que Deus e mundo, sejam uma mesma coisa (uma espécie de panteísmo), mas no fato de que é em Deus (necessário) que o mundo exista. Desta maneira, o bem e o mal estarão necessariamente ligados ao sentido que damos à nossa vida e que, como experiência, esse sentido pode ser chamado Deus.

Sabemos que Wittgenstein não foi um homem religioso no sentido confessional, mas sim nesse sentido de que a vida deve ser vivida religiosamente, ou seja, com um sentido. Tendo sido um homem ético e tendo ele consciência de que a ética é uma dimensão transcendente do mundo, ele foi de igual forma, um homem religioso. A atitude religiosa se converte na atitude ética, por isso podemos estender Ética, Estética e Religião que são a mesma coisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme descrito acima, Wittgenstein é o fundador de um forte padrão logocêntrico tentando produzir a neutralidade de seu método analítico. Na sua tentativa de conhecer Deus, o propósito da vida e o sentido do mundo, com o seu *Tractacus*, apenas se cala e também com a sua Investigação Filosófica também não dá um ensinamento, apenas nos dá a consciência de que existe um caminho, ou o jogo de linguagem de uma forma de vida que pode nos explicar sobre Deus, o propósito da vida e o significado do mundo, mas ele não nos dá qual forma, talvez seja o que se chama de mística.

A julgar pela descrição acima, há uma pergunta que precisa ser feita aqui, a saber, até que ponto os humanos podem conhecer um Deus transcendente e absoluto? O que é o verdadeiro conhecimento humano sobre Deus? Se Deus

não pode ser nomeado, falado e revelado, como o homem pode conhecê-lo e se relacionar com ele? Wittgenstein no seu *Diário* do dia 11.06 de 1916 afirmou que Deus é o sentido do mundo. Deus não é Deus da religião. Deus é o absoluto, o limite que todas as religiões deram um nome próprio.

No entanto a fé em Deus é determinada pela capacidade de conhecimento do que crê. A capacidade de conhecimento depende de cada indivíduo. Assim, o Deus que o servo conhece é o Deus que ele conhece e em quem acredita. O Deus da fé é a imagem ou forma de Deus, ou pensamentos, conceitos, ideias, ideias sobre Deus criado pela razão humana. Esse Deus não é o Deus real. O Deus real é Deus em si mesmo, Sua Essência é desconhecida e não pode ser conhecida pela razão humana. ‘O Real de Deus’: um Deus que é ilimitado, absoluto, ou não pode ser comparado com todo o universo. Este é o problema para os filósofos, teólogos, místicos, nomeadamente “dizer o que não pode ser dito”, “falar do que não pode ser dito”, “saber o que não pode ser conhecido”, “nomear o que não pode ser nomeado”, “revelar o que não pode ser dito”, “o que não pode ser expresso”.

REFERÊNCIAS

Alves de Azevedo, Edmilson. (2018). *O místico em Wittgenstein: a filosofia e os limites da linguagem. Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas*. vol 18, n. 32, jan/jun, pp. 57-90.

Black, M. (1964). *A Companion to Wittgenstein's Tractatus*. Cambridge: Cambridge University Press,

Edwards, Paul. (1972). *The Encyclopedia of Philosophy*. London Coller: Macmillan Publisher.

Malcolm, Norman, (1989). *Ludwig Wittgenstein A memoir; Biographical Sketch*, Oxford: Oxford University Press.

Maslow, A. (1961). *A Study in Wittgenstein's Tractatus*. Berkeley: University of California Press, Berkeley.

Stenius, E. (1964). *Wittgenstein's Tractatus: A critical examination of its main*

lines of thought. Oxford: Basil Blackwell.

Stern, David G.; Sluga, Hans. (1996). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*, Cambridge: Cambridge University Press.

Wittgenstein, L. (1982). *Diário Filosófico (1914 – 1916)*. Tradução de Jacobo Munoz e Isidoro Reguera, Editorial Ariel. Barcelona.

Wittgenstein, L. (1994). *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Bras. Luis Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP. 2^o. ed.

Wittgenstein, L. (1994). *Investigações Filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli com revisão de Immanuel Carneiro Leão. Editora Vozes.

Zemach, Eddy. (1964). Wittgenstein's philosophy of the mystical. *Review of Metaphysics* 18: 39-57. [Reprinted in Copi and Beard (eds.) *Essays on Wittgenstein's Tractatus*. New York: Macmillan, 1966, pp. 359-376.